

ARTIGO

AS MANIFESTAÇÕES DE 2013 NO BRASIL À LUZ DA PRIMAVERA ÁRABE E DE MOVIMENTOS POPULARES EUROPEUS

LAS MANIFESTACIONES DE 2013 EN BRASIL A LA LUZ DE LA PRIMAVERA ÁRABE Y LOS MOVIMIENTOS POPULARES EUROPEOS

THE 2013 MANIFESTATIONS IN BRAZIL IN THE LIGHT OF THE ARAB SPRING AND EUROPEAN POPULAR MOVEMENTS

Eduardo Fettermann Rodrigues de Oliveira¹

RESUMO:

Este texto tem como objetivo fazer uma breve análise de manifestações populares que aconteceram no Oriente Médio [Primavera Árabe], na Espanha [Movimento 15M ou Movimento dos Indignados] e no Brasil [Jornadas de Junho] nos primeiros anos da segunda década do século XXI, apontando semelhanças e destacando as particularidades dos protestos ocorridos em terras brasileiras. Entende-se que os movimentos acontecidos no Brasil foram direta e indiretamente influenciados pela Primavera Árabe, especialmente no que diz respeito às formas de mobilização popular. No Brasil, porém, a multiplicidade de agendas e demandas deu às manifestações um ar único, gerando uma nova mentalidade de participação política e social popular.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações. Democracia. Protestos. Primavera Árabe.

¹ Possui graduação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (2014). Possui graduação em Relações Internacionais pela Uninter (2019). Possui pós-graduação *lato sensu* em Teologia da Missão Integral pela Faculdade Teológica Sul Americana (2017). Cursa pós-graduação *lato sensu* em Neurociências e Comportamento pela PUC-RS (2019). E-mail: eduardofettermann@gmail.com

RESUMEN:

Este texto tiene como objetivo hacer un breve análisis de las manifestaciones populares que tuvieron lugar en el Medio Oriente [Primavera Árabe]; en España [Movimiento 15M o Movimento dos Indignados] y en Brasil [Jornadas de Junho] en los primeros años de la segunda década del siglo XXI, señalando posibles similitudes y destacando las particularidades de estos movimientos de protesta que tuvieron lugar en tierras brasileñas. Se entiende que los movimientos que tuvieron lugar en Brasil fueron influenciados directa e indirectamente por la Primavera Árabe, especialmente en lo que respecta a las formas de movilización popular. En Brasil, sin embargo, la multiplicidad de agendas y demandas autóctonas dio a las manifestaciones un aire único, quizás, generando una nueva mentalidad de participación política y social popular.

PALABRAS CLAVE: Manifestaciones. Democracia. Protestas. Primavera árabe.

ABSTRACT:

This paper aims at making a brief analysis of popular demonstrations that took place in the Middle East [Arab Spring], in Spain [*Movimento 15M* or *Movimento dos Indignados*] and in Brazil [*Jornadas de Junho*] in the first years of the second decade of the 21st century, pointing out similarities and highlighting the particularities of the protests that happened in Brazilian lands. It is understood that the movements occurred in Brazil were directly and indirectly influenced by the Arab Spring, especially regarding forms of popular mobilization. In Brazil, however, the multiplicity of agendas and demands gave the demonstrations a unique perspective, generating a new mindset related to the popular political and social participation.

KEYWORDS: Manifestations. Democracy. Protests. Arab Spring.

1 - INTRODUÇÃO

“Cuidado com a fúria de um homem paciente”, disse o poeta inglês John Dryden no século XVII. O mundo da segunda década do século XXI testemunhou o despertar de multidões que tomaram ruas e praças para tirar ditadores do poder, pressionar por políticas econômicas mais justas e protestar contra ações governamentais e contra os danos causados pela especulação do mercado financeiro.

No Brasil, as mobilizações políticas populares ocorridas no Oriente Médio e na Europa encontraram eco em grupos de diferentes vertentes políticas e sociais. A Primavera Árabe – que iniciou processos de profundas mudanças democráticas em países do Oriente Médio e do norte da África em 2011 –, as greves gerais e

protestos realizados na Grécia entre 2010 e 2012 contra as políticas de austeridade econômica propostas pelo governo e o levante popular capitaneado pelo Movimento 15M na Espanha no mesmo período são exemplos de movimentos sociais que tiveram seus reflexos sentidos em terras tupiniquins.

Este estudo busca identificar semelhanças entre esses movimentos e destacar particularidades de cada um, com especial destaque aos protestos realizados no Brasil no período entre junho e outubro de 2013 – especialmente as chamadas Jornadas de Junho –, apresentando uma conceituação de “manifestação popular”, sublinhando as motivações e os modos de mobilização destes movimentos e o que torna os movimentos brasileiros únicos.

A primeira parte apresenta um panorama geral da Primavera Árabe, alguns de seus principais episódios e resultados, além de mostrar sua influência sobre a eclosão das manifestações na Espanha e no Brasil, destacando particularidades do movimento brasileiro em relação aos demais. A segunda parte traça paralelos entre as revoltas nos diferentes locais do mundo sob a ótica da globalização.

2 - MANIFESTAÇÕES POPULARES NO BRASIL E NO MUNDO

O ano de 2013 foi considerado o ano dos protestos no mundo². Mais de trinta países tiveram alguma forma de manifestação popular – tanto as iniciadas naquele ano quanto desdobramentos de eventos anteriores. Diante de tal volume de eventos, uma conceituação se faz necessária.

Para o Direito brasileiro, manifestação popular é “uma forma de ação de um coletivo de pessoas em favor de uma causa”³. A diferença da manifestação para o protesto se dá na intenção: enquanto a primeira visa algo positivo, isto é, acontece em favor de algo, a segunda ocorre contra alguma situação, ideia ou acontecimento⁴.

No Brasil, o direito ao protesto e/ou à manifestação é garantido pela Constituição Federal, no artigo 5º, pela combinação de três direitos: o direito à liberdade de reunião, segundo o qual todos podem reunir-se pacificamente em locais abertos ao público, independentemente de autorização; o direito à liberdade de

² <https://exame.abril.com.br/mundo/por-que-2013-ja-e-o-ano-dos-protestos-no-mundo/>

³ <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/715161/manifestacao-popular>

⁴ Idem.

expressão, segundo o qual é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato; e o direito à liberdade de associação, segundo o qual é plena a liberdade de associação para fins lícitos, vedada a de caráter paramilitar⁵.

O período de 2010 a 2013 foi fértil em manifestações populares ao redor do planeta. No Oriente Médio e no norte da África, por exemplo, uma onda de protestos eclodiu em 2011. Países como Egito, Tunísia e Líbia viram multidões irem às ruas clamando por mudanças políticas – e conseguindo o que queriam⁶: nos dois primeiros, os ditadores deixaram o governo sem oferecer resistência; na Líbia, Muammar Kadafi foi morto em uma rebelião interna do governo com apoio militar da Otan⁷.

Na Grécia, ondas de greves e protestos tomaram conta do país entre 2010 e 2012. Por causa de uma forte crise econômica, o governo montou um pacote econômico de austeridade que gerou reações violentas⁸. Milhares de pessoas foram às ruas protestar contra demissões em massa, ajustes fiscais e outras medidas consideradas prejudiciais à população. Centenas de pessoas foram presas e muitos feridos foram registrados em confrontos com a polícia⁹.

Na Espanha, altas taxas de desemprego e falta de medicamentos, ecos da crise econômica de 2008, levaram a população às ruas no que ficou conhecido como “Movimento 15M”, uma alusão à data em que aconteceram os primeiros protestos, 15 de maio de 2011. Quarenta pessoas começaram um protesto na *Puerta del Sol*, um dos principais pontos turísticos de Madri, pedindo uma democracia mais participativa. Dois dias depois, mais de 10 mil pessoas lotavam o local¹⁰.

O Brasil também foi às ruas. Primeiro, por causa de um aumento de vinte centavos na tarifa do transporte público em São Paulo. Depois, multidões inundaram as manifestações de rua. Principalmente jovens, muitos “[...] sem nenhuma formação política, mas com muita raiva e indignação, abraçando as bandeiras das manifestações.” (SAKAMOTO, 2013, p. 98).

⁵ https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp

⁶ <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo>

⁷ Idem.

⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2012/11/1182102-em-meio-a-protestos-grecia-aprova-medidas-de-austeridade.shtml>

⁹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/protestos-contrapacote-grego-deixam-100-feridos-e-130-presos-1.html>

¹⁰ https://elpais.com/elpais/2011/05/15/actualidad/1305447428_850215.html

Sob a ótica internacionalista, isto é, para o campo das Relações Internacionais, movimentos como as manifestações populares deflagradas quase simultaneamente em diversos continentes apontam para uma mudança de cosmovisão política nestes locais. Neste sentido, é importante “[...] investigar a narrativa que constrói as narrativas sociais.” (SARFATI, 2005, p. 239).

O que levou centenas de milhares de pessoas a tomarem ruas, praças, pontes e rodovias ao redor do mundo, em um movimento tão cheio de semelhanças? Ou, nas palavras de Secco (2013, p. 77), “[...] por que, sendo tão diferentes, guardam entre si um ar de familiaridade?”.

2.1 - A fagulha que incendeia a pradaria

Um provérbio chinês afirma que uma simples fagulha pode iniciar um incêndio que queima toda a pradaria. Isto é, dadas as condições certas, algo pequeno pode se transformar em um grande evento. A chamada Primavera Árabe se enquadra nesta categoria de acontecimentos.

Mais do que um evento ou série de eventos, a Primavera Árabe marca um período mudanças políticas e sociais históricas que ocorreram no Oriente Médio e no norte da África. Esta “[...] onda de protestos e revoluções ocorridos no Oriente Médio e norte do continente africano em que a população foi às ruas para derrubar ditadores ou reivindicar melhores condições sociais de vida.” (PENA, 2014).

O marco zero da Primavera Árabe foi uma onda de manifestações populares que começaram na Tunísia em dezembro de 2010. Apesar de viver em condições sociais precárias, a população tunisiana precisou de uma fagulha literal para incendiar a política do país: depois de ser assediado durante anos pelas autoridades locais, um jovem vendedor de frutas, não aguentando mais pagar subornos aos fiscais, teve sua mercadoria apreendida e foi impedido de trabalhar. Desesperado, ateou fogo ao próprio corpo em protesto.¹¹ O vídeo com o suicídio se espalhou pelas redes. “Houve outros suicídios e tentativas de suicídios simbólicos que alimentaram a ira e estimularam a coragem da juventude.” (CASTELLS, 2013, p. 20). Aquele fogo

¹¹ <https://www.theguardian.com/world/2011/jan/20/tunisian-fruit-seller-mohammed-bouazizi>

se espalhou e, pouco mais de um mês depois, o ditador Zine al-Abidine Ben Ali foi deposto no que ficou conhecido como “Revolução de Jasmim”¹².

Outros países foram incendiados pela fagulha tunisiana e começaram suas próprias séries de protestos. No Egito, dias depois da renúncia de Ben Ali na Tunísia, a “Revolução de Lótus” derrubou Hosni Mubarak, que governava o país com mão de ferro havia 30 anos.¹³ A Primavera Árabe se expandia rapidamente, com populações inflamadas indo às ruas enfrentando as autoridades em busca de uma vida melhor.

Na Líbia, os protestos foram violentos. Houve confrontos armados e derramamento de sangue. Com auxílio militar da OTAN, os rebeldes conseguiram assassinar o ditador Muamar Kadhafi e dar fim a um regime de 42 anos.¹⁴ Barein, Síria, Marrocos, Iêmen, Argélia, Omã e, em menor escala, Arábia Saudita e Jordânia também tiveram manifestações populares que resultaram em algum tipo de mudança social.

Segundo Soengas-Pérez e Assif (2017, p. 51), o ciberativismo foi fundamental para a mobilização das manifestações na Tunísia, no Egito e na Líbia, pois “[...] permite que os cidadãos se comuniquem além dos meios oficiais, embora essa atividade não garanta a integração”.

A troca rápida de informações e a possibilidade de organizar protestos sem que as autoridades soubessem pelas redes sociais e aplicativos de troca de mensagens foi o grande trunfo das multidões que tomaram as ruas. Para Castells (2013, p. 7), “[...] os movimentos sociais espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias. [...] A centelha acendeu o fogo em todos os cantos”.

Tunísia e Egito apontaram o caminho para os demais manifestantes se mobilizarem: a internet. “A maioria dos levantes árabes começou com organização, debate e convocação à rebelião pela internet, prosseguindo e se configurando no espaço urbano” (CASTELLS, 2013, p. 66). As redes possibilitaram um espaço autônomo, sem mediação institucional, em que os movimentos foram ganhando vulto. “O uso extenso de redes digitais por uma população de manifestantes

¹² <https://www.theguardian.com/world/2011/jan/14/tunisian-president-flees-country-protests?intcmp=239>

¹³ <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>

¹⁴ Idem.

predominantemente jovem teve efeito significativo sobre a intensidade e a potência desses movimentos.” (CASTELLS, 2013, p. 67).

Apesar de a internet ser a plataforma de escolha dos manifestantes pelos motivos já apresentados, faz-se necessário pontuar que, apesar de democrática, a ferramenta não garante a inclusão de todos. “[...] A tecnologia é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes” (CASTELLS, 2003, p. 16). O simples uso da tecnologia não assegura um novo jeito de ser sociedade.

No campo das Relações Internacionais, especialmente sob a ótica pós-modernista, a forma como se constrói uma narrativa importa tanto quanto a própria narrativa. Ou seja, a maneira como se construíram os movimentos populares no Oriente Médio e no restante do mundo é tão importante quanto os próprios movimentos. “As perspectivas não são apenas instrumentos para interpretar o mundo, mas elas mesmas criam o mundo.” (SARFATI, 2005, p. 240).

No curto intervalo de alguns meses, mais de uma dezena de países viu suas ruas serem tomadas pela população, em sua maioria jovens inconformados com o sistema político e social de seus países – ou, nas palavras de Lima (2013),

[...] a maioria dos aglutinadores e participantes das manifestações é formada por jovens que foram inicialmente convocadas através de redes sociais, isto é, um sistema de comunicação interpessoal independente do controle da velha mídia. Apesar de “conectados” por essas redes e, portanto, de não se informarem, não se divertirem e não se expressarem (prioritariamente) por meio da velha mídia, os jovens que detonaram as manifestações ainda dependem dela para alcançar visibilidade pública, isto é, para serem incluídos no espaço formador de opinião pública. Esse aparente paradoxo decorre do fato de que a velha mídia, sobretudo a televisão, (ainda) controla e detém o monopólio de “tornar as coisas públicas”. Além de dar visibilidade, ela é indispensável para “realimentar” o processo e permitir sua própria continuidade. (LIMA, 2013, p.90).

A menção à velha mídia é importante: mesmo a internet tendo sido o terreno onde floresceram os movimentos, parte importante das populações mundiais só teve acesso ao que acontecia pela televisão. Cabe destaque ao pensamento do autor citado: o paradoxo se dá porque é a TV, veículo não-primário para o jovem, que dá ao manifestante a visibilidade para que ele, manifestante, continue com seus protestos.

A partir das conquistas obtidas nos protestos árabes, movimentos semelhantes começaram a surgir em outros lugares. Na Espanha, por exemplo, grandes manifestações tomaram um dos principais pontos turísticos de Madri. Conhecidos por 15M ou Movimento dos Indignados, os protestos levaram às ruas milhares de pessoas – e tudo começou com uma fagulha: 40 pessoas sentadas nas escadarias da *Puerta del Sol* que se transformaram em 10 mil dois dias depois, como mencionado.

Na Espanha, o 15M foi um marco político. Muito além de ser um aglomerado de pessoas discutindo direitos civis ou que tratasse de opinião pública, é “[...] um processo de politização massiva das multidões, de reapropriação do político por parte de centenas de milhares – até milhões – de pessoas.” (CEDILLO, 2012, p. 121).

A forte crise de representatividade política da Espanha, aliada a uma forte crise econômica que deixou milhares de pessoas desempregadas, subempregadas e/ou à beira da falência, fez com que milhares de pessoas fossem às ruas em cerca de cinquenta cidades no país, gritando palavras de ordem como “não somos mercadoria de banqueiros.”¹⁵ Para Toret (2012),

A matéria prima do 15M foi uma mutação da subjetividade social vinculada à utilização política e estratégica das redes sociais para ação coordenada. Quer dizer, a capacidade tecnopolítica das multidões conectadas, combinada com altas doses de transformação do mal-estar pessoal em processo de politização coletiva, em meio a uma enorme crise da representação social, foi o motor de arranque e de multiplicação. (TORET, 2012, p. 146).

O Brasil também teve sua onda de protestos e manifestações populares. Em 2013, milhares de pessoas tomaram as ruas das cidades – primeiro de São Paulo, depois de outras capitais e cidades do interior – exigindo que o governo revisse um reajuste de vinte centavos nas passagens de ônibus. Para Rolnik (2013, p. 8), o que estava em jogo era o “direito à cidade”: se a população não pode se locomover, logo a cidade não é livre e pertence a poucos.

O Movimento Passe Livre foi o maior responsável pelo início das manifestações em São Paulo no que ficou conhecido como “Jornadas de Junho”. No início dos protestos, as mobilizações aconteceram ao redor de uma única pauta: o aumento nas tarifas de transporte público. “A tomada direta e descentralizada das

¹⁵ https://elpais.com/elpais/2011/05/15/actualidad/1305447428_850215.html

ruas, a radicalidade das ações e a centralidade dos aumentos tarifários dão a tônica desta luta” (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013, p. 17).

Faz-se necessário destacar uma particularidade das manifestações ocorridas no Brasil: enquanto na Espanha e nos países árabes os protestos mantiveram suas pautas originais, em terras brasileiras a ida às ruas fez com que diversas questões viessem à tona. “Milhões de pessoas ocuparam as ruas e redes, exprimindo uma surpreendente e imprevista indignação.” (CAVA, 2013, p. 12).

Conforme Rolnik (2013, p. 8), as manifestações foram um “[...] terremoto que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos.”

O perfil das manifestações brasileiras também foi diferente do de protestos realizados em outras terras, especialmente no Oriente Médio. Cartazes espalhados pelo país afirmavam que não era mais pelos vinte centavos¹⁶. A pauta única deu lugar a uma multiplicidade de queixas que não representavam o todo. “Agir em conjunto não significa agir em conformidade; pode ser que as pessoas estejam se movendo ou falando em muitas direções diferentes ao mesmo tempo, até mesmo com objetivos opostos.” (BUTLER, 2018, p. 174). Não se tratava mais da mobilidade urbana, do direito à cidade ou do reajuste no preço das passagens de ônibus, trem e metrô. De fato, muita coisa veio à tona nas Jornadas de Junho. A fagulha acesa na Primavera Árabe incendiou pradarias por todo o mundo.

2.2 - O vento sopra onde quer

Vem da tradição cristã – mais especificamente da Bíblia – a ideia de que há um espírito se movendo no mundo, e que esse espírito pode ser comparado ao vento: sopra onde quer e não é possível prever para onde vai. O fenômeno da globalização funciona de forma equivalente: não se pode predizer em que direção sociedade, cultura, economia, política e história irão se mover. Pode-se, porém, estudar e analisar os indícios e sinais dos tempos para discernir os movimentos do mundo.

Para Santos (2001, p. 10), um dos sinais de que o mundo funciona a partir dessa lógica do vento que sopra onde quer é que já é possível perceber “[...] a

¹⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297985-nao-sao-so-20-centavos-dizem-manifestantes-na-avenida-paulista.shtml>

enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos em todos os continentes”. Se a globalização é, como afirma Held et al. (1999, p. 11), um “[...] alongamento das atividades sociais, políticas e econômicas através das fronteiras” de modo que decisões tomadas em um lado do planeta afetam indivíduos, grupos e sociedades inteiras em outra parte do mundo, então é legítimo pensar os movimentos populares também desta forma.

A inquietação que transbordou em protestos no Oriente Médio foi tanto uma fagulha a incendiar pradarias quanto um vento que soprou em direção à América do Sul e ao sul da Europa. Em um mundo tão veloz e conectado, percebe-se que “[...] os desafios da democracia apresentam-se, cada vez mais, universais, abrangentes e envolvidos em um ambiente multifacetado” (WU, 2012, p. 152). Isto é, o que acontece em um lugar ecoa em outro – conforme o conceito apresentado por Held.

A globalização faz com que problemas semelhantes se apresentem em lugares distantes. De igual forma, também soluções e práticas são difundidas em todo o planeta. O mundo globalizado se tornou uma sociedade em rede. “Formam-se redes dentro dos movimentos, com outros movimentos do mundo todo.” (CASTELLS, 2013, p. 129). Os protestos do Oriente Médio, da Espanha e do Brasil não foram sincronizados, mas seu modo de organização foi semelhante: mobilizações através de redes como Twitter e Facebook, onde havia pouca ou nenhuma vigilância por parte do poder.

É importante destacar, porém, que naquele momento histórico, mobilizações puramente virtuais não atingiriam os objetivos esperados.

Embora esses movimentos geralmente se iniciem nas redes sociais da internet, *eles se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano*, seja por ocupação permanente das praças públicas, seja pela persistência das manifestações de rua. O espaço do movimento é sempre feito de uma interação do espaço dos fluxos da internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados e dos prédios simbólicos visados em seus atos de protesto (CASTELLS, 2013, p. 129-130).

As convocatórias *online*, aliadas às mobilizações das e nas ruas, geraram movimentos em diversas partes do mundo. O que Santos chama de “solidariedade do acontecer” (2001, p. 14) mostra-se como fenômeno histórico que causa impacto em curto e longo prazos. “Mobilizações de rua passaram a ser reconhecidas, expressamente, como manifestações políticas legítimas” (MAIOR, 2013, p. 83).

Diante destes movimentos populares acontecidos em diferentes regiões do planeta – com regimes políticos diferentes e situações socioeconômicas e culturais as mais diversas –, observa-se que a tomada das ruas deu início a uma nova relação das populações com a política e o poder. “Viveremos ainda um bom tempo sob a sombra desse explosivo estado de inquietação social.” (BRAGA, 2013, p. 82). Conforme Santos (2001),

o processo da crise é permanente, o que temos são crises sucessivas. Na verdade, trata-se de uma crise global, cuja evidência tanto se faz por meio de fenômenos globais como de manifestações particulares, neste ou naquele país, neste ou naquele momento, mas para produzir o novo estágio da crise. (Santos, 2001, p. 17).

Em termos de relevância social e política, a Primavera Árabe – ou as Primaveras Árabes, visto que aconteceram levantes em diversos países do Oriente Médio e do norte da África – é um dos marcos mais importantes do século XXI. De fato, para Secco (2013, p. 77), “[...] o século XXI começou na Primavera Árabe”. Como o vento que sopra para todos os lados, Cedillo (2012, p. 122) afirma que “[...] a Primavera Árabe produziu uma espécie de contágio”. Toret (2012, p. 141) faz coro aos demais ao dizer que “[...] se algo impulsionou à convocatória, foi a Primavera Árabe, que, com a força contagiante das revoltas, inspirou muitas pessoas a acreditarem que se rebelar era possível”.

As multidões que tomaram as ruas do mundo deixaram claro que uma nova forma relação do povo com a política se fazia necessária. Mesmo tendo caráter local, estes movimentos também possuíram um aspecto global. Conforme Castells (2013),

[...] os movimentos são simultaneamente locais e globais. Começam em contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar às redes da internet. Mas também são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências e, de fato, muitas vezes são estimulados por essas experiências a se envolver em sua própria mobilização. Além disso, mantêm um debate contínuo na internet e algumas vezes convocam a participação conjunta e simultânea em manifestações globais numa rede de espaços locais. (CASTELLS, 2013, p. 130).

O mundo está conectado. Uma fagulha acesa no Oriente Médio pode incendiar uma pradaria na Espanha. Um vento que sopra no Egito pode causar um furacão no Brasil. As manifestações populares ocorridas nestes lugares mostram

que a sociedade está em rede e que, apesar de as pautas não serem unânimes – já que a maioria dos manifestantes “[...] compartilha um sentimento fluido de desconforto e descontentamento que sustenta e une demandas particulares” (ŽIŽEK, 2013, p. 103) –, a relação com a política mudou.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Primavera Árabe pode ser considerada o grande ponto de partida para uma série de movimentos populares que aconteceram no mundo a partir do início da segunda década do século XXI. A partir das revoltas que culminaram com a queda de ditadores e a mudança de políticas econômicas e sociais no Oriente Médio, multidões foram inspiradas a tomar as ruas em outros pontos do planeta.

No Brasil, o estopim foi o aumento do preço das tarifas de transporte público – primeiro em São Paulo, depois em diversas outras cidades e estados. Mas rapidamente as ruas se encheram de pessoas com outras queixas, outras demandas, outras agendas. Eis aí a maior particularidade das Jornadas de Junho: enquanto no Oriente Médio e na Espanha as pautas eram bem definidas, em terras brasileiras tudo veio à tona praticamente ao mesmo tempo. De corrupção ao uso de dinheiro público para a realização da Copa do Mundo; da baixa remuneração dos professores ao sucateamento da saúde no país; da dificuldade em acessar os serviços públicos ao aumento das passagens; o Brasil efervesceu em 2013.

Os métodos de mobilização foram semelhantes no Oriente Médio, na Espanha e no Brasil: internet, especialmente redes sociais como Twitter e Facebook. No Brasil, porém, a televisão teve papel fundamental na convocatória dos indecisos. Ao perceberem que os movimentos iam crescendo dia após dia, cada vez mais pessoas se juntavam aos protestos sob o lema “amanhã vai ser maior”.

Sob a ótica da globalização e suas implicações, percebe-se que, de fato, o mundo tornou-se não apenas uma aldeia global, mas uma sociedade em rede, como afirma Castells. O quanto estas conexões podem afetar os rumos da política, da economia e da cultura ainda não está totalmente claro, mas entende-se que as dinâmicas da relação das populações com o poder mudaram a partir do momento em que o povo entendeu que tem uma voz e que esta pode ser ouvida, dadas as circunstâncias propícias para isso.

Por fim, entende-se que as manifestações populares brasileiras ocorridas em 2013, especialmente no mês de junho, foram um divisor de águas na participação política do país no que se refere ao poder público levar em consideração as demandas da população. Citando novamente Braga, o Brasil viverá ainda um bom tempo sob a sombra desta inquietação social.

REFERÊNCIAS

‘NÃO são só 20 centavos’, dizem manifestantes na avenida Paulista. *Folha de São Paulo*, 2013. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1297985-nao-sao-so-20-centavos-dizem-manifestantes-na-avenida-paulista.shtml> . Acesso em: 10 nov. 2020.

BEAUMONT, Peter. Mohammed Bouazizi: the dutiful son whose death changed Tunisia's fate. *The Guardian*, 2011. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2011/jan/20/tunisian-fruit-seller-mohammed-bouazizi> . Acesso em: 09 nov. 2020.

BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Porto Alegre: Paz Terra, 2003.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVA, B. *A multidão foi ao deserto: as manifestações no Brasil em 2013 (jun-out)*. São Paulo: Annablume, 2013.

CHRISAFIS, Angelique; BLACK, Ian. Zine al-Abidine Ben Ali forced to flee Tunisia as protesters claim victory. *The Guardian*, 2011. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/world/2011/jan/14/tunisian-president-flees-country-protests?intcmp=239> . Acesso em: 09 nov. 2020.

COCCO, G. e ALBAGLI, S. (orgs). *Revolução 2.0 e a crise do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

CONSTITUIÇÃO Federal. *Senado Federal*. Disponível em:

https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_5_.asp . Acesso em: 09 nov. 2020.

EM meio a protestos, Grécia aprova medidas de austeridade. *Folha de São Paulo*, 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2012/11/1182102-em-meio-a-protestos-grecia-aprova-medidas-de-austeridade.shtml>. Acesso em: 09 nov. 2020.

HELD, D. et al. *Global transformations: politics, economics and culture*. Stanford: Stanford University Press, 1999.

LA manifestación de 'indignados' reúne a varios miles de personas en toda España. *El País*, 2011. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2011/05/15/actualidad/1305447428_850215.html . Acesso em: 09 nov. 2020.

MANIFESTAÇÃO Popular. *Jus Brasil*. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/715161/manifestacao-popular> . Acesso em: 09 nov. 2020.

MARCATO, E. et al. *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

OLIVON, Beatriz. Por que 2013 já é o ano dos protestos no mundo? *Exame*, 2013. Disponível em: <https://exame.com/mundo/por-que-2013-ja-e-o-ano-dos-protestos-no-mundo/> . Acesso em: 09 nov. 2020.

PENA, Rodolfo F. Alves. Primavera Árabe. *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm> . Acesso em 25 mar. 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. Primavera Árabe. *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm> . Acesso em: 10/11/2020.

PRIMAVERA Árabe. *Guia do estudante*. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/> . Acesso em: 09/11/2020.

PROTESTOS contra pacote grego deixam 100 feridos e 130 presos. *G1*, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/protestos-contr-pacote-grego-deixam-100-feridos-e-130-presos-1.html> . Acesso em: 09 nov. 2020.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SARFATI, G. *Teoria das relações internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005.

SOENGAS-PÉREZ, X. e ASSIF, M. *Cyberactivism in the Process of Political and Social Change in Arab Countries*. *Comunicar*, [s.l.], v. 25, n. 53, p.49-57, 1 out. 2017.